

Greed is good (and legal): mercado, empreendedorismo e caráter nos filmes *Wall Street*¹

Bruna Werneck de Andrade BAKKER²
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Em 1987, o filme “Wall Street” se notabilizou por retratar a ambição exacerbada dos executivos do mercado de ações através do personagem Gordon Gekko e sua célebre frase: “a ganância é boa”. Mais de vinte anos depois, o diretor Oliver Stone deu sequência à história com o filme “Wall Street – o dinheiro nunca dorme” (2010), contextualizando a narrativa à crise econômica mundial, pautada por grandes especulações do mercado financeiro. A partir da análise discursiva destes dois filmes, proponho examinar neste artigo os modos pelos quais estes diferentes contextos econômicos afetam a vida dos personagens de cada filme, especialmente no que tange às noções de caráter e empreendedorismo. Para isto, apresento como referencial teórico o conceito de “espíritos do capitalismo”, tal qual abordado por Luc Boltanski e Ève Chiapello, e as obras de Richard Sennett e Alain Ehrenberg.

Palavras-chave: empreendedorismo; caráter; análise de discurso; cinema;

Por detrás dos jargões financeiros e dos dramáticos eventos do mercado de ações, a crise do “*sub-prime*” também reflete uma fundamental falência de valores. Nós vimos o triunfo da ganância sobre a integridade; o triunfo da especulação sobre o valor da criação; o triunfo do curto prazo diante do longo prazo, do crescimento sustentável. Gordon Gekko não foi domado em 1987; ele foi simplesmente ignorado (Rudd, 2008)

Intitulado “*The Children of Gordon Gekko*”, o texto acima foi publicado, em 2008, pelo então primeiro ministro australiano Kevin Rudd em um dos principais jornais do país, *The Australian*. Ao longo da matéria, Rudd discorre sobre a crise financeira mundial que se alastrava na época e suas consequências éticas e morais, tendo como exemplo o personagem Gordon Gekko, do filme “Wall Street” (Oliver Stone, 1987), um homem de negócios inescrupuloso e cuja ambição infrene se popularizou através de seu jargão: “a

¹ Trabalho apresentado no GP Culturas Urbanas, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda e mestre em Comunicação de Cultura pela ECO/UFRJ. Bolsista Cnpq. E-mail: bruna.bakker@gmail.com

ganância, na falta de uma palavra melhor, é boa”³. Segundo o primeiro ministro australiano, Gekko emergiria não só em alusão à enorme especulação financeira do mercado de ações, mas como um modelo de valores invertidos e cuja “positivação” da ganância (de certa forma profetizada na trama de Oliver Stone), teria reverberado por toda uma geração de executivos e corretores de ações. É justamente mediante esta “prole de Gordon Gekko”, que o mesmo diretor esboça os contornos de “Wall Street – O dinheiro nunca dorme”⁴, lançado em 2010.

Após anos preso pelo chamado “crime do colarinho branco”, Gekko voltaria à cena não como o figurão do mercado financeiro, mas como autor de um polêmico livro chamado: “*Is greed good?*”⁵. Mais do que uma mera referência à versão de 1987, esta indagação será um elemento estrutural neste segundo filme de Stone ao contextualizar a narrativa ao cenário de crise financeira estadunidense de 2008. Centrada na grande proeminência do capital especulativo na economia mundial, a trama de “O dinheiro nunca dorme” alude à popularização e difusão deste persuasivo “modelo de ganância” e seu impacto nos valores éticos e morais dos sujeitos, conforme apontou Rudd em seu discurso.

A partir da década de 1980, a forte presença das especulações do mercado financeiro marca a ascensão de uma nova dinâmica capitalista (Boltanski e Chiappelo, 2009). Norteadado pela ideia de “risco”, a peculiaridade deste novo cenário econômico provém da obtenção de lucro em estado puro, ou seja, pelo ganho de capital sem a produção de qualquer bem, material ou imaterial, conforme bem definiu Gekko, em 1987: “Eu não crio nada. Eu compro” (*I create nothing. I own*). As consequências da proeminência desta nova logística financeira são bastante variadas e contundentes, como se a “mão invisível” do mercado (a que se referia Adam Smith) adquirisse ainda maior intangibilidade, sendo as atuais crises financeiras (tão interconectadas e interdependentes) que se tornam cada vez mais “isentas” de culpados: “A beleza do negócio é que ninguém pode ser culpado por isso, porque todos nós estamos bebendo da mesma fonte”, argumenta Gekko em “O dinheiro nunca dorme”.

Segundo Luc Boltanski e Ève Chiappello (2009), o capitalismo – ainda que amiúde alvejado por seus numerosos críticos – seria capaz de fascinar até mesmo seus observadores mais hostis, sobretudo, devido à sua capacidade de transformação. Definido pelos autores

³ Tradução nossa do bordão original em inglês, conforme consta no título deste artigo: “*greed, in a lack of a better word, is good*”.

⁴ Para evitar repetições, daqui em diante vou me referir como “Wall Street” apenas à versão de 1987 e como “O dinheiro nunca dorme” ao filme lançado em 2010.

⁵ A tradução para o português foi “Será boa a ganância?”.

como sistema econômico, político e social cuja exigência central é a acumulação ilimitada do capital por meios formalmente pacíficos, o capitalismo possui uma capacidade infinita de se reestruturar. Entretanto, para conseguir engajar as pessoas indispensáveis à busca da acumulação, ele deve fornecer “perspectivas sedutoras e estimulantes de vida”, oferecendo ao mesmo tempo garantias de segurança e razões morais aos sujeitos que coopta (Idem). É através do conceito de “espírito do capitalismo” que os autores remetem a esta “ideologia que justifica o engajamento no capitalismo”, sendo esta sua maior força e o que lhe conferiria capacidade de reestruturação (Idem).

A abrangência e a difusão do “modelo de ganância”, a que se referem tanto Rudd quanto o próprio personagem Gordon Gekko em sua recente versão, ilustram a incorporação de um modelo da busca pelo lucro que parece se adaptar aos horizontes morais contemporâneos. Dizer isto, no entanto, não é afirmar que não se deseje mais o lucro em estado puro (longe disto), mas sim que, talvez pela banalização da “ganância” (em última instância, por sua extrema positividade), novas justificativas e formas de mobilização possam despontar enquanto uma busca mais “digna” e até mesmo “edificante” pela acumulação de capital.

Apesar de mais de duas décadas separarem a primeira da segunda versão de Wall Street, os dois filmes apresentam estrutura semelhante: jovens ambiciosos e promissores cujo talento e boas ideias são aproveitados e otimizados na presença de um mentor experiente. Embora orientados por Gordon Gekko, tanto o personagem Bud Fox (Charlie Sheen) quanto Jake Moore (Shia Le Bouef), respectivamente, confrontam moralmente o seu mentor e, de formas distintas, mostram-se críticos à célebre “ganância” que o notabilizou (e o incluiu no *ranking* dos trinta piores vilões da história do cinema, promovido pela *American Film Institut* (AFI), em 2003).

Portanto, a partir dos filmes “Wall Street” (1987) e “Wall Street – o dinheiro nunca dorme” (2010), proponho examinar neste artigo tanto os contextos econômicos a que estas narrativas se reportam como as relações sociais que norteariam seus protagonistas no que tange suas perspectivas de ascensão social, caráter e empreendedorismo. Para isto, apresento como quadro de referência teórico as considerações de Luc Boltanski e Ève Chiapello acerca do “novo espírito do capitalismo”, assim como os impactos que as mudanças econômicas das últimas décadas obtiveram na vida dos sujeitos contemporâneos, tendo como base as obras de Alain Ehrenberg (2010) e Richard Sennett (2006; 2009).

Mercado, empreendedorismo e os espíritos do capitalismo

Vocês todos estão bem ferrados. Ainda não sabem, mas são a geração Ninja⁶. Sem renda, sem trabalho, sem bens. Vocês têm muito o que esperar da vida. Outro dia, alguém me lembrou que eu havia dito que a ganância era boa. Agora, parece que ela é legalizada (Wall Street, 2010).

É com esta fala que somos reapresentados a Gordon Gekko em sua primeira cena em “O dinheiro nunca dorme”. Palestrante renomado, ele discursa para uma plateia majoritariamente universitária e jovem sobre as mudanças tanto do mercado financeiro quanto da vida dos norte-americanos desde a época em que fora preso, em meados da década de 1980, ao ano de 2008, no qual o filme é ambientado. Tida como uma das marcas de vilania de Gekko, esta “positivação da ganância” retorna com doses de sarcasmo em sua reedição, simbolizando o caráter abrangente e legítimo que a busca pelo lucro máximo poderia gerar. “É imoral, mas não é ilegal”, propõe Gekko acerca da rede de fraudes e especulações financeiras que permeiam o segundo filme. O que talvez possa esboçar a continuidade entre a primeira versão e seu desdobramento cinematográfico seja a importância da máxima “a ganância é boa” que, apropriada de formas distintas, alude às significativas mudanças nas estruturas das próprias empresas e do mercado de trabalho, cautelosamente retratadas pelo diretor Oliver Stone.

A atual legalidade da ganância a que se refere Gekko remete a uma maior difusão do modelo de lucro que não gera nenhum retorno social, ou seja, não cria novos postos de emprego e tampouco novos serviços ou bens. É um ganho absolutamente improdutivo e que atualmente transbordaria os limites do mercado de ações, perpassando boa parte das interações econômicas⁷, como propõe Gekko no filme: “Bancos, consumidores, todos fazemos o dinheiro se movimentar em círculos. Você pega um trocado, injeta nele uma seringa cheia de esteroides e chamamos isso de lucro. Eu chamo de esteroide bancário” (Idem).

⁶ O termo “Ninja” remete às siglas em inglês de “No income, no job, no assets”. Bastante difundido na economia norteamericana durante a crise financeira, a palavra alude um tipo de “crédito de risco” concedido a tomadores que não conseguiriam comprovar renda, nem emprego e nem propriedades ou ativos financeiros.

⁷ Gekko explicita em sua palestra o modo pelo qual essa legitimação e difusão da “ganância” se manifesta no corpo social: “Pessoal, é a ganância que faz o meu *barman* comprar três casas que ele não vai poder pagar. E é a ganância que faz com que os seus pais financiem uma casa de 200 mil por 250 mil. E com estes 50 mil a mais vão ao shopping fazer compras. Eles compram TV de plasma, telefones celulares, computadores. É a ganância é o que fez o governo deste país abaixar os juros a 1% para que, após 11 de setembro, as pessoas voltassem a fazer compras no shopping” (Wall Street, 2010)

Ainda que moralmente rechaçada, esta busca pelo “lucro” seria justamente o que dinamizaria o sistema capitalista, conforme argumentam Luc Boltanski e Ève Chiapello (2009). Inspirados na obra de Max Weber, os autores reformulam o conceito de “espírito do capitalismo” considerando, sobretudo, a dimensão moral que se estabelece na relação dos homens com seu trabalho e, por conseguinte, com a acumulação de capital. Deixando de lado as formulações de Weber sobre a influência efetiva do protestantismo no desenvolvimento do capitalismo, os autores agregam ao conceito as perspectivas de Albert Hirschman, que enfatiza a premência de motivações políticas e econômicas acerca desta guinada positiva pelo lucro.

Segundo Hirschman, ao longo do século XVIII – sobretudo por meio do pensamento laico do Iluminismo –, as atividades lucrativas já se refletiam como vantajosas a nível sociopolítico, percebidas como um bem comum para a sociedade:

o comércio foi julgado capaz de desenvolver certa brandura de costumes, visto que o comerciante desejava a paz para a prosperidade de seus negócios e mantinha relações benévolas fora de suas transações, com clientes que ele tinha interesse em satisfazer (1980 *apud* Boltanski e Chiapello, 2009, p. 560).

Justificada moralmente tanto por razões individuais (por meio de uma ética do trabalho em Weber) quanto como pelo “bem comum” (como formulada por Hirschman), a “paixão pelo lucro” nortearia o que Boltanski e Chiapello propõem como o “espírito do capitalismo”: “um amálgama heterogêneo de motivos e razões” capazes de seduzir atores sociais indispensáveis à acumulação de capital (Idem). O espírito do capitalismo, portanto, se mostra variável no tempo, maleável “às expectativas das pessoas que caiba mobilizar, segundo as esperanças com que elas cresceram e em função das normas assumidas em diferentes épocas” (Ibidem, p. 58).

As injunções sistêmicas de cada período, portanto, são interiorizadas e justificadas a partir de três principais questões: em que medida o processo de acumulação de capital é fonte de *entusiasmo*; de que forma proveria *garantias mínimas* para o sujeito e para seus filhos; de que modo é capaz de assegurar o *bem comum* (grifos do autor, Idem, p. 49). As diferentes combinações destes questionamentos são analisadas e divididas por Boltanski e Chiapello (ainda que de forma esquemática) a partir de três estados históricos do espírito capitalismo.

Em fins do século XIX, o primeiro espírito estaria centrado na figura do burguês empreendedor e na descrição dos valores burgueses, regido pelas formas de um capitalismo essencialmente familiar (Idem, p. 51). A “aventura capitalista” remetia à possibilidade de emancipação dos jovens, seu deslocamento para as grandes cidades em meio ao desenvolvimento da comunicação e do trabalho assalariado. As tônicas no jogo, no risco, na inovação e na especulação encarnariam o heroísmo burguês deste momento⁸.

Em pleno desenvolvimento entre anos 1920 e 1930, o segundo estado traduziria, grosso modo, o fascínio pelo progresso e pelo gigantismo das grandes empresas, organizando-se em torno da figura central do “diretor” (ou dirigente assalariado) e dos executivos. Há neste estágio uma ruptura com o modelo de pequena empresa familiar, aumentando não só sua produção como também o corpo de funcionários. Têm-se como elemento central a burocratização e a capacitação da mão-de-obra – sobretudo através de um quadro de supervisores extremamente qualificados por diplomas universitários (Idem, p. 52).

“Animado por um espírito de justiça social”, o que se vislumbra neste segundo espírito é a maior presença de sindicatos, o desenvolvimento dos direitos dos assalariados e a inclusão de regras burocráticas que restringissem as “prerrogativas patronais” em matéria de gerenciamento do pessoal: “uma mudança profunda do capitalismo, marcada pela atenuação da luta de classes, pela dissociação entre propriedade do capital e controle empresarial, transferido para a ‘tecnoestrutura’” (Idem, p. 51). Assim, o controle do capital e a gerência da empresa passam a ser dissociados, sendo a gestão da empresa submetida a uma estrutura burocrática, calcada na hierarquia e composta por uma equipe de dirigentes assalariados.

Este modelo de gestão burocrático e hierarquizado que caracterizou este segundo espírito passa a ser bastante questionado nas últimas décadas do século XX. Um bom exemplo desta crítica surge em uma sequência do filme “Wall Street” (1987). Durante uma reunião dos acionistas da companhia Teldar Papers, Gekko (acionista majoritário) é acusado por sua fama de “destruidor de empresas”, lucrando mais com a falência destas do que com sua produtividade por meio do hábil jogo do mercado de ações.

Buscando rebater as acusações de um dos dirigentes (Mr. Cromwell), Gekko discursa para um amplo público de empregados e acionistas da empresa acerca dos males

⁸Ao mesmo tempo em que heroica, a figura do burguês é bastante criticada e negativizada como *hipócrita*, ao dispor de valores absolutamente paradoxais: sede de lucro e moralismo; avareza e caridade; cientificismo e tradicionalismo familiar (Boltanski e Chiapello, 2009, p. 50).

que uma estrutura burocrática e um corpo dirigente de assalariados poderiam gerar para o bom funcionamento da companhia:

Bom, senhoras e senhores, nós não estamos aqui para cair em fantasias, mas sim na realidade política e econômica (...). Hoje em dia, esta gestão não possui participação financeira na empresa (...) Juntos, esses homens que sentam aqui tem menos de 3% da companhia. E aonde o Sr. Cromwell investe o seu salário de um milhão de dólares? Certamente não é em ações da Teldar Papers. Ele detém menos de 1%. Vocês é que são os donos da empresa. Isso mesmo. São vocês, os acionistas. E estão sendo tapeados por estes burocratas e seus almoços de filé mignon, viagens de pesca, jatos corporativos e contratos de autoproteção (...). Eu não sou um destruidor de companhias, eu sou um libertador delas. A questão, senhoras e senhores, é que a ganância, na falta de palavra melhor, é boa.

A “libertação das empresas”, a que se refere Gekko, torna-se uma demanda frequente nos manuais de gestão empresarial que, desde a década 60, já criticam o modelo centralizado das empresas em torno da figura do diretor, cerceando o espaço de ação e a criatividade dos executivos (Boltanski e Chiapello *op. cit.*). As críticas a esse modelo, no entanto, tornam-se ainda mais radicais ao longo dos anos 90.

Com o aumento da concorrência e a celeridade da evolução tecnológica, demandas por flexibilidade, adaptação e mobilidade passam a ser incorporadas na própria estrutura “em rede” das empresas⁹. Este novo modelo de gestão propõe o que vem a ser considerado como “uma verdadeira autonomia”, baseada no autoconhecimento e na realização pessoal e não “a falsa autonomia, delimitada pela trajetória da carreira, por definições de função e por sistemas de punição-recompensas propostos nos anos 60” (Ibidem, p. 122).

Estas críticas ensejam, portanto, os contornos de um “terceiro espírito do capitalismo”, influenciado pelo forte desenvolvimento tecnológico e maior presença do capitalismo financeiro e globalizado (Idem). O que parece ressaltar neste “novo espírito” é uma forte demanda por liberdade e autonomia, que perpassa desde a reestruturação das empresas a outras formas de relacionamento dos sujeitos com seus empregos e seu tempo, alterando, até mesmo, códigos éticos e morais.

Neste período, porém, a ostensiva presença do modelo neoliberal e o processo de desmobilização do Estado de bem-estar obtiveram grande impacto social, acarretando não só o aumento dos índices de desemprego, como uma própria revisão do conceito de

⁹ Este modelo “em rede” alude a uma estruturação empresarial que não é verticalmente hierarquizada, mas sim horizontalmente interconectada, o que proporciona maior independência dos departamentos e, portanto, maior facilidade em reestruturar a empresa quando for comercialmente conveniente. Neste modelo de gestão, ascendem novas terminologias como uma dinâmica de trabalho pautada por sucessivos “projetos” ao invés de uma demanda fixa de trabalho; e termos como “chefe” e “funcionários” passam a ser substituídos por “líder” e “equipe”, respectivamente (Boltanski e Chiapello, 2009).

“emprego”, cada vez mais orientado para uma constante prestação de serviços. Deste modo, o diagnóstico pouco promissor acerca da “geração ninja”, a que se referiu Gekko em sua palestra no filme “O dinheiro nunca dorme”, pode ser corroborada pelo cenário de desemprego e instabilidade empregatícia que vigorava nos Estados Unidos em 2008, ano em que o filme é ambientado.

Como relata Alain Ehrenberg (2010), a premonição do ministro francês Raymond Barre acerca do aumento do desemprego e da possibilidade de que, para evitá-lo, as pessoas não teriam outra opção a não ser abrir suas próprias empresas, que foi motivo de risos e escárnio há algumas décadas, estaria atualmente longe de ser incorreta. Não somente há uma correspondência estatística para a argumentação de Barre, como também a difusão por todo corpo social de certa mentalidade e racionalidade empresariais: “a forma empresa se torna, simultaneamente, um modelo de governo para a sociedade e um modelo de governo para os indivíduos” (Idem, p. 114).

Até mesmo o personagem de Gordon Gekko tornou-se um modelo de conduta e sucesso a ser seguido, para a surpresa de seu intérprete Michael Douglas que revela que constantemente deve lembrar aos fãs de que seu personagem não é exatamente um herói, conforme revela no *Making of* do filme. Dentre o rol de admiradores de Gekko está Jordan Belfort, o milionário falido cuja biografia inspirou o recente filme “O lobo de Wall Street” (Martin Scorsese, 2013), que considera o personagem como um de seus maiores ídolos¹⁰.

Ao nos reportarmos a uma mudança ainda em andamento e, como nos lembram Boltanski e Chiapello, “sob certos aspectos ainda embrionária” (2009, p. 88), vale ressaltar a hibridez com que alguns destes novos mobilizadores sociais interagem com os antigos. Fortemente ancorado no capitalismo financeiro e em postulados neoliberais, este “terceiro espírito do capitalismo” vem atribuindo cada vez mais ao mercado, e não ao Estado, as possibilidades de “promoção do bem comum”, como veremos mais claramente na narrativa de “O dinheiro nunca dorme”.

A sessão a seguir é dedicada a traçar os modos pelos quais estas mudanças nos diferentes “espíritos do capitalismo” são nuançada nas narrativas dos filmes de Oliver Stone. Na versão de 1987, vemos os conflitos de Bud Fox, filho de um líder sindical que, orientado (e enganado) por Gekko, participa no processo de especulação financeira que procura levar à falência a empresa em que trabalha seu pai. O embate moral entre os dois personagens parece nuançar bem o processo de transição entre o segundo espírito, norteador

¹⁰ RANGEL, Natália. O magnata falido. **Revista IstoÉ**. Edição 2028. 17 set 2008.

pela ideia de promoção da “justiça social” (tendo nos sindicatos um grande exemplo) e a ascensão de um terceiro espírito, pautado por uma maior participação do mercado de ações e do capitalismo financeiro. Já em 2010, o que promove o conflito da narrativa são as diferentes visões acerca da função deste mercado financeiro que, na época de lançamento do filme, entra em colapso. Associado a este “terceiro espírito”, o personagem Jake Moore reflete bem esta nova forma de engajamento na acumulação de capital. Jake está convicto de que é através deste mercado que será possível prover um precioso bem comum: energia sustentável.

Dimensões do caráter e as bem-feitorias do lucro

Bud: Por que você precisa arruinar esta companhia?

Gekko: Porque é “arruinável”, ok?

Bud: Se essas pessoas perderem seus empregos, não têm para onde ir. Meu pai trabalha lá há 24 anos. Dei minha palavra a ele.

Gekko: Tudo se resume a dinheiro, rapaz.

(Wall Street, 1987).

Jake: Essa empresa pode não só mudar o mercado de energia para sempre, Gordon. Mas também o mundo.

Gekko: Idealismo, idealismo... É o que mata todo negócio.

(Wall Street – o dinheiro nunca dorme, 2010).

Personagens de períodos diferentes, Bud Fox (Charlie Sheen) e Jake Moore (Shia LeBouef), expressam nos trechos acima seus pontos de discordância não só com Gordon Gekko (com quem precisamente dialogam), mas com a estrutura ágil, móvel e amplamente poderosa do mercado financeiro. Enquanto Bud questiona a postura “destruidora” de Gekko (ao preferir lucrar com o desmembramento da companhia aérea BlueStar ao invés de nela investir), Jake Moore é criticado por Gekko devido a seu idealismo “verde” (uma vez que sua pretensão em “mudar o mundo” poderia afetar a rentabilidade do negócio em questão). Embora críticas à dimensão do lucro “em estado puro”, estas argumentações trazem à tona a relação do mercado e do capital como um meio pelo qual é possível realizar o “bem comum”, seja através da manutenção de milhares de postos de trabalho em uma empresa, quanto através da sustentabilidade do meio ambiente, questões que parecem ilustrar bem os dilemas característicos do momento em que as narrativas foram produzidas.

Na década de 1980, a atenção ao meio ambiente e às novas tecnológicas sustentáveis não possuía o mesmo peso que tem hoje, um contexto intensamente permeado pela noção

de *risco* (Beck *et al.*, 2012). A importância de fomentar empresas com “consciência ambiental”, presente no filme de 2010, sequer surge como uma questão no filme de 1987. Por outro lado, a luta entre sindicatos e mercado de ações que move o conflito moral de Bud, não parece encabeçar a lista de prioridades de Jake, ainda que o contexto econômico dos Estados Unidos fosse bastante alarmante na época. Com isto não procuro afirmar que não havia preocupações de ordem ambiental ao longo dos anos 80, tampouco que a preocupação com os níveis de desemprego tenham enfraquecido nos últimos anos. O que procuro ilustrar aqui é a maneira pela qual estes jovens personagens atribuem valor moral e ético às suas ações por meio das atividades do mercado financeiro.

Em seu livro “A corrosão do caráter”, Richard Sennett (2009) apresenta uma interessante análise acerca das mudanças socioeconômicas que ocorreram em meados do século XX, tendo como enfoque as mutações no mercado de trabalho e, sobretudo, como estas abalaram substancialmente as formas dos indivíduos se projetarem no futuro e a maneira pela qual se relacionam afetivamente. Especialmente a partir dos anos 1990, a proeminência de um modelo flexível de emprego, acarretaria a dissolução da ideia de longo prazo da gramática do mercado de trabalho. Para Sennett, este cenário deixaria o sujeito contemporâneo “à deriva”, uma vez que a incapacidade em manter uma narrativa linear de vida abalaria de forma contundente o ideário tradicional de “caráter”:

O termo caráter concentra-se, sobretudo, no aspecto a longo prazo de nossa experiência emocional. Expresso pela lealdade e compromisso mútuo, pela busca de metas a longo prazo ou pela prática de adiar a satisfação em troca de um fim futuro (...) Caráter são os traços de pessoais a que damos valor em nós mesmos, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem (Ibidem, p. 10).

Ao dizer isso, o autor não propõe que haja atualmente uma generalizada falta de caráter, ou ainda uma perspectiva maniqueísta de bons e maus caracteres (no qual o segundo estaria obtendo maior proeminência). Sua proposta é a de que há uma modificação na própria dimensão do caráter como um comportamento ético que orientaria de forma linear a narrativa de vida dos sujeitos e os valorizaria frente aos demais. Sua importância, profundidade e, sobretudo, longevidade na vida dos trabalhadores estaria sucumbindo. Em seu lugar, como sugere o autor, poderíamos vislumbrar “seu rebento mais moderno”, a personalidade, que diferentemente do caráter, se refere a desejos e sentimentos orientados para “dentro” – não remetendo à relação de confiança, lealdade e compromisso mútuo que, em última instância, norteariam o caráter em sua concepção tradicional.

No entanto, o caráter como um valor moral pode se apresentar segundo outros critérios que não os acima descritos. Se a imprevisibilidade dos novos arranjos laborais e a incapacidade de projeção no futuro inviabilizam a consolidação do caráter para Sennett, a concepção de Adam Smith sobre o termo vai pelo caminho oposto (Sennett *op.cit*). Na alvorada do capitalismo moderno, Smith “celebrou o caráter dos homens de negócios”, justamente por acreditar “que eles agiam em reação e com simpatia às cambiantes exigências no momento, assim como tinha pena do estado de caráter dos trabalhadores atrelados à rotina” (Ibidem, p. 43).

Neste sentido, este “caráter dos homens de negócios” proposto por Smith – sua predisposição a lançar-se em meio aos riscos de um futuro incerto –, parece aludir ao valor positivo atualmente incorporado pela figura do “empreendedor”. Mediante um cenário pautado pela incerteza e pela instabilidade empregatícia, como nos lembra Alain Ehrenberg (2010), “o empreendedor foi erigido como modelo de vida heroica”, assumindo um estilo de vida que põe no comando a tomada de riscos (p. 13). Outrora representado no cinema e na literatura como personagem extremamente ambicioso, com frequência moldado como vilão e, conforme nos lembram Boltanski e Chiapello (2009), ligado à tradicional imagem do burguês sempre associado ao pesadume (nas caricaturas ele é sempre gordo)” (p. 190), o “homem de negócios” atual já parece bastante distante de estereótipos negativos, tanto em relação à sua imagem quanto ao seu caráter. Amiúde, os heróis contemporâneos são empresários de sucesso, pessoas que com ousadia, perspicácia e visão empreendedora foram capazes de “mudar o mundo” (Castellano e Bakker, 2014).

Neste sentido, “empreender” já não seria mais um termo restrito às dinâmicas das empresas ou meramente “percebido como um meio de extorquir mais valia em benefício do capital”, ele estaria disposto por todo corpo social, apresentando-se também enquanto solução “mais justa e mais eficaz de lutar contra a exclusão e as desigualdades de todas as ordens” (Ehrenberg, 2010, p. 117). O “espírito da empresa”, ao unir eficácia à responsabilidade, passa a ser também o meio mais indicado para se obter o bem comum, gerindo não só instituições públicas e privadas, como também um modelo para gerência de si mesmo. Vê-se a ascensão (e revitalização) heroica do *self-made-man* que, manejando-se frente aos riscos e suas potencialidades, recebe toda a responsabilidade por seus méritos e fracassos: “Hoje, cada um, independentemente de onde venha, deve realizar a façanha de tornar-se alguém por meio de sua própria singularização” (Ehrenberg, 2010, p. 172).

Neste contexto surge, portanto, um novo modelo de igualdade e bem comum, orientado menos pela função assistencialista do Estado, que pela competência das empresas em seus gestos de “solidariedade”. Este é o cenário em emerge o que Ehrenberg denominou “empresarização da vida”, no qual a representação da sociedade em classes já não se mostra suficientemente elucidativa; um mundo onde a autonomia e o direito de escolha dos indivíduos são soberanos, tendo na singularização dos projetos pessoais e sua abertura às mudanças voluntárias de trajetória dos indivíduos, grande justificativa moral (Idem).

Estas mudanças na forma de estruturação de vida nas últimas décadas podem ser observadas em “Wall Street” (1987) através do embate entre Bud Fox e seu pai (Martin Sheen), um operário e veterano sindicalista. Buscando ajudar a reestruturar a quase falida Bluestar Airlines, Bud Fox, com o auxílio de Gordon Gekko, estrutura uma proposta que salvaria a empresa em que trabalha seu pai, mantendo com isso o emprego de todos os funcionários. Líder sindical da companhia aérea, o pai de Fox é o único de seus representantes a desconfiar das “verdadeiras” intenções de Gekko, aludindo à inevitável luta de classes que a batalha engendraria.

Ao reforçar o papel dos sindicatos como único mediador capaz de ponderar os interesses em jogo, o pai de Bud é ofendido pelo filho, irritado com a descrença do patriarca acerca das boas intenções de Gekko e das benfeitorias do mercado financeiro. O que inicialmente se trataria de uma negociação de termos de contrato, logo se transforma em um debate de valores morais, como fica claro na fala de Bud Fox: “Chega desse discurso de ‘trabalhadores do mundo, uni-vos’, pai! Já o ouvi muitas vezes quando criança (...). O que eu vejo é um operário velho e invejoso que não suporta o fato de que seu filho se tornou mais bem-sucedido que ele”.

O posicionamento de Bud revela divergências não só em relação ao imaginário de sucesso (para o jovem sinônimo de êxito financeiro), mas principalmente uma visão dispare em relação à estrutura social. Não só as advertências de Carl Fox (pai de Bud) acerca da impossibilidade de conciliar os desejos de Gordon Gekko com os dos funcionários da empresa, mas também suas ressalvas ao rápido enriquecimento do filho por meio do mercado de ações remetem justamente a uma concepção da sociedade em termos de classe que vem perdendo força atualmente. Compartilhando da mesma perspectiva de Carl, o diretor Oliver Stone optou por reforçar a ambição gerada pelo mercado financeiro e por concretizar as previsões do patriarca sobre as intenções do magnata de Wall Street.

Com a notícia da planejada falência da empresa Bluestar Airlines, Bud, indignado pela traição de Gekko, redime-se moralmente e sabota as estratégias de seu mentor na bolsa de valores. Como consequência para seu feito heroico, Bud é preso devido às trapaças e manipulação de informações da bolsa de valores e, no dia do julgamento, seu pai procura avaliar de maneira positiva as consequências desta punição judicial do filho:

Talvez seja esse o preço, filho. Certamente será difícil para você, mas talvez isso, neste mundo muito ferrado, seja a melhor coisa que possa ter te acontecido. Você irá parar de buscar o dinheiro fácil e fará algo da sua vida. Criar, ao invés de viver na compra e venda dos outros (Wall Street, 1987).

O sistema parasitário do mercado financeiro, alvo das críticas de Carl, é hoje o modelo de sucesso da “ganância legalizada” a que se referiria Gekko no começo de “O dinheiro nunca dorme”. Neste segundo filme, há também um choque de gerações do mercado de ações, mas sem o nítido embate moral acima exposto. Presidente de um dos mais antigos grupos financeiros em vigência no mercado de ações e, inicialmente o tutor de Jake Moore, o personagem Louis Zabel (Frank Langella), um senhor de idade avançada, se espanta ao analisar a baixa margem de lucro de um dos investimentos da empresa em sua filial londrina, administrada por um grupo de jovens corretores:

Dê uma olhada nestas folhas. Eles me falaram que tiveram um lucro de 125 milhões. Mas, quando eu olho para esses números parece que fizeram só um dólar e vinte e cinco centavos de lucro. E sabe o que eles me disseram? “Não se preocupe. Fizemos dinheiro com as perdas”. Como podem fazer dinheiro com as perdas?! Eu sou mesmo um dinossauro!

O aparente paradoxo de se ganhar dinheiro através das perdas é, neste sentido, solidário ao posicionamento do pai de Bud no filme anterior, mas já não parece surpreender Jake, a quem Zabel dirige sua indignação. Não seria mais a estrutura do lucro em si e como ele é obtido que causaria inquietações a Jake, mas sim a que este lucro seria destinado. Chamado de “Mr. Green Energy” por sua noiva Winnie Gekko (Carey Mulligan) – filha de Gordon Gekko –, Jake se dedica com afinco a buscar investidores para a promissora tecnologia de energia sustentável capaz de “mudar não só o mercado de energia, como o mundo”, conforme exposto anteriormente.

Seu “idealismo” de cunho ambiental não só é afim ao sistema capitalista como depende iminentemente dele. O personagem se defronta com as limitações benevolentes do lucro quando o principal fomentador do projeto, Bretton James (Josh Brolin), decide retirar seus investimentos por perceber que, uma vez desenvolvida, esta nova tecnologia poderia

prover energia infinita e de baixo custo e acesso a todos – o que culminaria posteriormente na diminuição de lucros do setor. “James só quer ‘polir’ o seu currículo pondo um pouco de verde nele (...). Ele é um jogador, assim como eu”, afirma Gekko sobre as verdadeiras intenções por detrás dos investimentos de Bretton.

O que talvez diferencie o destino do lucro para o “bem comum” de um filme a outro esteja no desfecho de ambos. Enquanto Bud Fox, para vingar-se da traição de Gekko, elabora uma série de manipulações e especulações no mercado de ações e é preso; Jake Moore, ao utilizar-se de meios ilícitos semelhantes aos de Bud para atingir Bretton James, não só consegue sair exitoso, como ileso.

Conclusão

Como argumentado por Boltanski e Chiapello, o espírito do capitalismo deve atender a “uma exigência de autojustificação”, especialmente para “resistir à crítica anticapitalista, o que implica uma referência a convenções de validade geral quanto àquilo que é justo ou injusto” (2009, p.58). Outrora criticada como “ganância”, a exacerbada busca pelo lucro passa justificar-se para o bem comum. O modelo de ganância legalizado, ou seja, a normatização da busca pelo lucro em estado puro, inclusive a níveis morais e éticos, parece aludir a uma busca justa. Desde que destinadas a fins maiores que o “mero” lucro – seja a grande ambição de “salvar o mundo” ou resgatar da falência iminente uma empresa -, estas pretensões ainda se sustentam por meio do “jogo” do mercado: “tudo é pelo jogo, garoto”, como afirma Gekko em “O dinheiro nunca dorme”.

Diante da dimensão de compromisso mútuo, lealdade e confiança que erigiria a concepção tradicional de caráter (como definido por Sennett), Gordon Gekko encarnaria sua total falência: frustra todas as expectativas e promessas feitas a seus pupilos, orientando-se exclusivamente pela busca ao lucro máximo do agora onipresente mercado de ações. Bud Fox e Jake Moore, no entanto, parecem representativos dos sujeitos “à deriva”. Algo deste “caráter corroído” neles permanece. De alguma maneira se orientam para o futuro, seja pelas descobertas de novas tecnologias com “consciência ambiental” ou pelo replanejamento de uma empresa. Ambos “dão suas palavras”, se comprometem e são leais a estas ideias. Talvez sob a perspectiva do diretor Oliver Stone, eles representem uma espécie de redenção (ou atenuação) de um sistema no qual a ganância não foi só positivada, como legalizada.

REFERÊNCIAS

BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora Unesp, 2012 [1995].

BOLTANSKY, L. & CHIAPELLO, E. **O novo espírito do capitalismo**. Tradução Ivone C. Benedetti; revisão técnica Brasília Sallum Jr. - São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2009

CASTELLANO, M. e BAKKER, B. “Ninguém fica rico no trabalho”: o imperativo da autonomia na autoajuda financeira para jovens. In: ALMEIDA, M. I. M. e LIMA, F.D.B. (orgs.) Juventude, subjetividade e performance, p. 99 – 118. Rio de Janeiro: Gramma, 2014.

EHRENBERG, A. **O culto da performance**: da aventura empreendedora à depressão nervosa. Editora Ideias e letras. São Paulo. 2010

LOBO de Wall Street, O [*The wolf of Wall Street*]. Direção: Martin Scorsese. Produção: Appiah Way. EUA: Red Granite Pictures, 2013. 1 DVD (179 min).

RUDD, K. The Children of Gordon Gekko. **The Australian**. Publicado 06 de out. 2008 Disponível em: < <http://www.theaustralian.com.au/news/the-children-of-gordon-gekko/story-e6frg7b6-1111117670209> >. Acessado em: 05/01/2015

SENNETT, R. **A corrosão do caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo espírito do capitalismo. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SMITH, Adam. **Teoria dos sentimentos morais**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WALL Street: poder e cobiça [Wall Street]. Direção: Oliver Stone. Produção: Edward R. Pressman. EUA: Twentieth Century Fox Film, 1987. 1 DVD (125 min).

WALL Street : O dinheiro nunca dorme [Wall Street: Money never sleeps].]. Direção: Oliver Stone. Produção: Edward R. Pressman. EUA: Twentieth Century Fox Film, 2010. 1 DVD (132 min).

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**, São Paulo: Pioneira, 1985.